

Desempenho de bananeiras ‘BRS Vitória’ e ‘D’Angola’ sob adubação orgânica – 2º ciclo

José Virmondes Carneiro Araújo¹; Edson Carvalho do Nascimento Filho¹; Ana Lúcia Borges²

¹Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, josevirmondes@hotmail.com, edsoncarvalho93@hotmail.com; ²Pesquisadora da Embrapa Mandioca e Fruticultura, ana.borges@embrapa.br

A bananeira é uma planta bastante exigente em fertilizantes, pois grande quantidade de nutrientes é retirada pelos frutos. Contudo, a maior parte (2/3) dos nutrientes absorvidos é restituída ao solo pela fitomassa das bananeiras oriunda das desfolhas periódicas e do final da colheita, tornando-se uma cultura adequada para o sistema orgânico. A preocupação com o meio ambiente e os cuidados com a saúde têm acarretado mudanças nos meios de produção da agricultura mundial, sendo cada vez mais exigidas a sustentabilidade e a produção baseada nos princípios agroecológicos. O trabalho objetivou avaliar o desempenho de duas variedades de bananeiras, no 2º ciclo, adubadas com composto orgânico. As bananeiras ‘BRS Vitória’ (tipo Pacovan AAAB) e ‘D’Angola’ (tipo Terra AAB) foram plantadas no espaçamento 4 x 2 x 2 m, na Unidade de Pesquisa de Produção Orgânica (UPPO) da Embrapa Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA. As plantas foram adubadas a cada três meses com composto orgânico produzido no próprio local, constituído de esterco de curral + torta de mamona + gliricídia (*Gliricidia sepium*) + restos de poda de jardim e de capim braquiária + lixiviado do engaço de bananeiras. As variáveis estudadas foram altura e diâmetro do pseudocaule, número de folhas e área foliar no florescimento. Na colheita, foram avaliados o período do plantio à colheita do 2º ciclo (dias), massas das pencas (kg) e média do fruto (g), número de pencas, número de frutos por cacho, comprimento (cm) e diâmetro (mm) médio dos frutos da 2ª penca. Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância (ANOVA) em delineamento experimental inteiramente casualizado (seis repetições) e comparados pelo teste F ($p < 0,05$). Os resultados mostraram que, mesmo sendo bananeiras de tipos diferentes, não variaram em altura (3,96 m) e diâmetro (30,7 cm) do pseudocaule e número de folhas viáveis (9,9); contudo, a ‘BRS Vitória’ apresentou maior área foliar no florescimento. A ‘BRS Vitória’ apresentou ciclo de 153,8 dias mais longo que a ‘D’Angola’, porém maior massa de pencas (11,8 kg) em relação à ‘D’Angola’ (7,1 kg). A bananeira ‘D’Angola’ produziu frutos com maior massa média (260,0 g), comprimento (24,6 cm) e diâmetro (41,6 mm), porém menor número de frutos por cacho (27,2), sendo características dessa variedade. Por outro lado, a ‘BRS Vitória’ mostrou maior número de pencas (6,4) e frutos por cacho (85,4). Apesar de serem variedades de tipos diferentes, a comparação é válida para identificar aquela que mais se adequa ao sistema orgânico. Normalmente as bananeiras tipo Terra são cultivadas em apenas um ciclo; assim, apesar de ter sido colhido o 2º ciclo, a massa das pencas foi 6,4 kg (90%) inferior à obtida no 1º ciclo, não compensando colher, nessa condição, o 2º cacho. Concluiu-se que a bananeira ‘D’Angola’ apresentou ciclo mais curto e frutos maiores, porém com menor massa de pencas e número de frutos por cacho.

Significado e impacto do trabalho: Avaliar opções de variedades de banana para o sistema orgânico. Além de despertar nos produtores a importância da produção e utilização de adubos orgânicos, que viabilizam uma agricultura mais saudável, menos agressiva ao meio ambiente e menos onerosa por serem esses insumos produzidos na própria área.